

A apropriação da noção de gêneros do discurso bakhtiniana em produções científicas nacionais sobre ensino de língua portuguesa

The appropriation of the bakhtin's notion of genres of discourse in national scientific productions on the teaching of Portuguese language

Jakelyne Santos Apolônio
José Cezinaldo Rocha Bessa
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN)
Pau dos Ferros/RN-Brasil

Resumo

Objetivamos, neste trabalho, analisar a apropriação da definição e caracterização de gêneros do discurso em produções científicas sobre o ensino de língua portuguesa, procurando observar a articulação ou não delas com a abordagem de gêneros do discurso bakhtiniana que elas declaram assumir. O estudo, de caráter interpretativo e abordagem qualitativa, analisa um *corpus* constituído por dez artigos científicos, publicados entre os anos de 1999 a 2009, coletados no Portal de Periódicos da Capes. A ancoragem teórica contempla estudos sobre a abordagem de gêneros discursivos, assim como trabalhos acerca do ensino de língua portuguesa. A análise aponta que predomina uma apropriação produtiva e adequada da abordagem bakhtiniana de gêneros discursivos, indicando um movimento de interlocução pertinente do ponto de vista da penetração e da consolidação da referida abordagem em pesquisas da área.

Palavras-chave: Gêneros do discurso; Teoria bakhtiniana; Ensino de língua portuguesa.

Abstract:

In this paper we aim to analyze the appropriation of the definition and characterization of genres of discourse in scientific productions on the teaching of Portuguese language, observing the articulation or not articulation of them with the Bakhtin's approach of genres of discourse they claim. This study, of interpretative nature and qualitative approach, analyzes a corpus consisting of ten scientific articles published between 1999 and 2009, collected from the Capes Periodicals Portal. Our theoretical anchorage includes studies on the approach of discourse genres and works about the teaching of Portuguese language. Our analysis points out that there is an adequate appropriation of the Bakhtin's approach of discourse genres, indicating a pertinent movement of interlocution from the point of view of consolidation and the way this approach support the research in the area.

Key words: Genre of discourse; Bakhtin's theory; teaching of Portuguese language.

1.Introdução

Este trabalhoⁱ parte do entendimento de que os gêneros do discurso se constituíram, nas duas últimas décadas, aqui no Brasil, um objeto privilegiado do ensino de línguas, tanto materna quanto estrangeira. É fato que antes da recepção, entre nós, dos estudos bakhtinianos a partir do final da década de 80 e, por conseguinte, da repercussão da noção de gêneros do discursoⁱⁱ, sobretudo a partir da publicação dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) de língua portuguesa, pesquisas nos campos da Linguística e da Educação no Brasil já assumiam que o texto deveria ocupar o espaço de sala de aula, em substituição a um ensino de português, considerado descontextualizado e pouco produtivo (GERALDI, 2002).

Assim, no novo cenário que foi se desenhando, sobretudo após a implementação dos PCNs como documento oficial do ensino na educação básica do Brasil, pudemos observar um enorme investimento de pesquisas sobre gêneros textuais e/ou discursivosⁱⁱⁱ e sua abordagem no ensino de línguas. Em consequência, pode-se dizer que essas pesquisas contribuíram para incrementar ainda mais as produções científicas de pesquisadores da área sobre o novo objeto que se instituía nas práticas, com evidente perspectiva de alargamento dos horizontes de compreensão em relação ao trabalho com a língua/linguagem e das contribuições apresentadas até então sobre o lugar do texto na sala de aula.

Nesse contexto de ampliação e de proliferação de pesquisas sobre gêneros textuais/discursivos^{iv} no Brasil, sobretudo centradas nos gêneros na sala de aula, conforme atestam inúmeras publicações (em anais de eventos, em livros e em periódicos da área), interessa-nos interrogar sobre a apropriação e a incorporação da noção de gêneros do discurso bakhtiniana em trabalhos de pesquisadores nacionais. A escolha pela abordagem bakhtiniana dá-se porque, segundo Rodrigues (2004; 2005), Bakhtin tem sido um dos autores mais citados no conjunto dos estudos de gêneros no Brasil, sendo que suas ideias possibilitaram amplos desenvolvimentos didático-pedagógicos na área do ensino de línguas.

Nesse sentido, objetivamos examinar o diálogo que pesquisadores brasileiros que discutem sobre o ensino de língua portuguesa estabelecem com a abordagem de gêneros bakhtiniana. Para darmos conta do propósito aqui delineado, buscamos analisar a apropriação da definição e caracterização de gêneros do discurso em produções científicas

sobre o ensino de língua portuguesa, procurando observar a articulação ou não delas com a abordagem de gêneros do discurso bakhtiniana que elas declaram assumir.

Acreditamos que o empreendimento investigativo proposto neste trabalho se faz pertinente e oportuno considerando que se acentua, sobretudo entre estudiosos brasileiros da obra do Círculo de Bakhtin, uma certa preocupação com a proliferação desse objeto/conceito ou dessa noção/categoria em pesquisas e em estudos da área em nosso país, notadamente quanto ao aspecto de sua transposição didática/pedagógica e de sua incorporação/apropriação em documentos oficiais do ensino, como bem já sinalizara, dentre outros, Rodrigues (2004) e Geraldi (2017).

Além disso, a presente proposta de investigação, que se alinha aos estudos sobre texto, discurso e ensino desenvolvidos no âmbito do Grupo de Estudos em Interação, Texto e Discurso do Alto Oeste Potiguar (GITED), da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), do *Campus* Avançado de Pau dos Ferros (CAPF), coaduna-se com o propósito de pensar contribuições e implicações da abordagem bakhtiniana de gêneros para o ensino de língua portuguesa, especialmente no contexto da sala de aula da educação básica.

O trabalho está organizado da seguinte forma: além da presente Introdução, temos a seção de Fundamentação Teórica, na qual abordamos a noção de gêneros na perspectiva bakhtiniana, bem como discorremos sobre a abordagem de gêneros com o enfoque centrado no ensino de língua portuguesa; posteriormente, temos a seção de Metodologia, em que descrevemos o desenho da pesquisa; seguida da seção de Análise e Discussão dos resultados, e, por fim, trazemos a seção de Conclusões.

2. Fundamentação teórica

Sabendo que o conceito de gêneros discursivos/textuais é focalizado sob diferentes abordagens teóricas e metodológicas, tanto em âmbito nacional como internacional, conforme mostram estudos de Bawarshi e Reiff (2013), Bezerra (2017), Bezerra, Pereira e Lêdo (2017), Silva e Bezerra (2014), dentre outros, elegemos, para exploração neste trabalho, a abordagem de gêneros proposta pelo Círculo de Bakhtin. O direcionamento em torno dessa abordagem ressoa, pois, a compreensão de Rojo e Barbosa (2015, p. 116), para quem a teoria dos gêneros discursivos bakhtiniana não é potente apenas para a análise dialógica de enunciados concretos, “como talvez nunca tenha encontrado expressão tão clara de seus mecanismos dialógicos” como quando pensada na relação com o ensino.

Assim sendo, esta fundamentação teórica contempla os pressupostos teóricos do Círculo de Bakhtin sobre a noção de gêneros do discurso e o debate sobre a abordagem de gêneros no âmbito do ensino de língua portuguesa.

2.1. Os gêneros discursivos na perspectiva do Círculo de Bakhtin: alguns princípios basilares

Na perspectiva do Círculo de Bakhtin, os nossos dizeres estão sempre sendo moldados sob a forma de gêneros discursivos, desde formas comunicativas mais complexas, como documentos jurídicos, a formas de intercâmbio mais simples, como comentários em redes sociais digitais e conversas do cotidiano no seio familiar. Isso sinaliza o quanto dispomos de uma coletânea de formas relativamente estabilizadas na diversidade de práticas comunicativas de que participamos e nas quais atuamos.

Assim sendo, só nos comunicamos e agimos mediante a mobilização dos gêneros do discurso, afinal “todos os diversos campos da atividade humana estão ligados ao uso da linguagem” (BAKHTIN, 2016, p. 11). A bem da verdade, vivemos num universo múltiplo e incessante de gêneros, a exemplo das trocas comunicativas que se dão na escola, no banco, na igreja, na praça da cidade, nas vitrines comerciais ou nas ruas, para citar alguns dos espaços de produção e circulação de uma infinidade dos gêneros discursivos que permeiam as nossas atividades sociais. Isso significa dizer que participamos de uma ininterrupta apropriação e produção de enunciados, que constituem a concretude das trocas comunicativas humanas, como bem sinaliza Bakhtin (2016, p. 38):

gêneros do discurso nos são dados quase da mesma forma que nos é dada a língua materna, a qual dominamos livremente até começarmos o estudo teórico da gramática. A língua materna [...] não chega ao nosso conhecimento a partir de dicionários e gramáticas, mas de enunciados concretos que nós mesmos ouvimos e nós mesmos reproduzimos na comunicação discursiva viva com as pessoas que nos rodeiam.

Conforme enfatiza Bakhtin, não adquirimos a língua viva por meio de manuais gramáticos nem em quaisquer livros didáticos, isso porque o uso efetivo da linguagem, como concebida nessa perspectiva, se constitui e se concretiza no intercâmbio verbal. Assimilamos as palavras dos lábios dos outros (FARACO, 2009) e logo passamos a assimilá-las e a integrá-las em nossas trocas interativas, sob a forma de gêneros do discurso, sem que nem tenhamos consciência disso, na maioria das vezes. Desse ponto de vista, a comunicação é essencialmente moldada por essas construções genéricas, as quais funcionam,

indiscutivelmente, como modos/meios de produção textual disponíveis para orientar-nos nas diversas realidades sociais e ideológicas do mundo da vida.

Sabendo, então, que a comunicação por meio de gêneros do discurso significa incorporar, incessantemente, palavras e expressões alheias e multiformes, assume-se que a cadeia de enunciados se caracteriza por sua essência dialógica, ou seja, os discursos ditos por outrem são retomados e reacentuados, com projetos de dizer que podem ser os mais diversos, no fluxo da comunicação verbal. Podemos assumir, assim, que os gêneros do discurso são práticas discursivas que mediam a inserção social e histórica do homem, uma vez que cada participação e a ação do sujeito no mundo só é possível através das práticas de linguagem que se realizam sob a forma de enunciados concretos (BAKHTIN, 2016).

Desse modo, entender gêneros, a partir da concepção bakhtiniana, significa compreender o mundo como uma arena de embate constante de sentidos e entre sujeitos historicamente situados, espacial e temporalmente. Esses dizeres encontram-se, complementam-se, confrontam-se, divergem-se, numa cadeia infindável de sentidos, constituída, portanto, de modo dialógico. Em outras palavras, os gêneros são formas relativamente estáveis de enunciados, concretos e únicos, que se caracterizam por apresentar três elementos que lhes são constitutivos, quais sejam: conteúdo temático, estilo e construção composicional. Na concepção bakhtiniana, esses elementos “estão indissolúvelmente ligados no conjunto do enunciado e são igualmente determinados pela especificidade de um determinado campo da comunicação” (BAKHTIN, 2016, p. 12, grifos do autor). Isso significa dizer que, nas diferentes esferas da atividade humana, os enunciados que mobilizamos nas trocas comunicativas apresentam formas de organização e funcionamento distintos.

Concebido como elemento que dá conta das escolhas linguísticas e gramaticais, o estilo, na abordagem bakhtiniana, é pensado em uma dupla perspectiva: o estilo do gênero e o estilo individual do autor. Sobre o estilo do gênero Bakhtin (2016) comenta que este apresenta suas formas típicas e seu repertório de enunciados mais ou menos estabelecidos. Já a outra direção se sustenta na ideia da existência do estilo individual do enunciador, quando este, ao elaborar o dizer, manifesta marcas de sua individualidade através das escolhas linguísticas e gramaticais disponíveis na língua (COSTA-HÜBES; BROCARD, 2016).

Medviédev (2012, p.195) expressa que “a seu modo, cada gênero está tematicamente orientado para a vida, para seus acontecimentos, problemas, e assim por diante”. Assim,

compreendemos que o conteúdo temático refere-se ao que pode ser dizível em dada situação verbal, isto é, os temas típicos e previsíveis no gênero, não podendo ser confundido e resumido a assunto, conforme salienta Sobral (2009).

Já a construção composicional compreende as formas de organização textual, ou seja, a construção e a disposição das palavras e enunciados no texto, de modo que se organize e se componha o projeto discursivo de dizer. De acordo com Lira (2016), é uma das formas de conexão e orquestração do plano discursivo, significando também a construção composicional discursiva da obra inteira.

Igualmente importante na abordagem de gêneros proposta pelo Círculo de Bakhtin é a distinção entre gêneros primários e gêneros secundários. De acordo com Bakhtin (2016), denomina-se gêneros primários aqueles que se instituem na comunicação cotidiana, isto é, em diálogos fortuitos e casuais; e secundários aqueles que estão implicados na comunicação mais elaborada e complexa, geralmente associada (mas não exclusivamente) à escrita. Contudo, o autor lembra que esses dois eixos não deixam de interagir e dialogar mutuamente, uma vez que uma narrativa cotidiana pode, por exemplo, fazer parte de um ensaio filosófico e um texto artístico e/ou literário pode se inserir em uma propaganda publicitária. Logo, essas inter-relações entre gêneros contribuem para que eles se modiquem na cadeia dialógica da produção de sentidos humana.

Nessa acepção, a compreensão sobre a organização e o funcionamento de gêneros assume natureza responsiva, social e histórica na produção de sentidos humana, elementos fundantes na concepção dialógica da linguagem do Círculo de Bakhtin. Diante disso, considerar a compreensão de que todo enunciado, como elo de sentidos na cadeia da comunicação discursiva, como evento singular e único das/nas interações humanas, significa assumir uma postura central no enfrentamento analítico do funcionamento de gêneros do discurso na perspectiva bakhtiniana.

2.2.O objeto gênero do discurso no ensino de língua portuguesa

Sabendo que as discussões e reflexões acerca de gênero na perspectiva do Círculo de Bakhtin não eram relacionadas primordialmente a aspectos didático-pedagógicos (RODRIGUES, 2005), a assunção da noção de gêneros no sistema de ensino brasileiro se dá, principalmente, com a publicação dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) e, posteriormente, da Base Nacional Comum Curricular (BNCC).

De modo específico, os PCNs oficializou e tornou as reflexões sobre o conceito de gêneros de conhecimento público para todos os estudiosos e atores da educação brasileira (CAMPOS, 2016). Nas palavras de Gomes-Santos (2004, p. 152), “o conceito de gênero é, nesse documento particular, eleito como conceito-chave para a operacionalização do ensino de português”. Assim, o conceito de gênero torna-se crucial, na proposta do referido documento, para se pensar o domínio das práticas sociais, além de poder unificar e tornar possível um trabalho assentado no que se denominou de práticas de linguagem.

Os gêneros, então, surgem nessa nova concepção de língua(gens) mediante o(s) seu(s) uso(s) social(is) no cenário do ensino educacional de línguas, tornando possível propor um melhor tratamento aos textos (BARBOSA, 2000; ROJO, 2008). Não é custoso lembrar que, até então, o olhar para com o texto nas aulas de língua portuguesa era voltado para a exploração de aspectos linguístico-gramaticais em sua essencialidade, com foco no estudo de classificação morfológica de palavras, períodos e correções ortográficas, dentre outros (GERALDI, 2002; 2015; BEZERRA, 2010). Logo, a abordagem de gêneros do discurso significa um avanço significativo na superação das amarras desse ensino pautado na gramaticalidade tradicional do texto, traduzindo, na prática, um olhar mais produtivo para com “a linguagem em uso por meio de suas manifestações genéricas, as quais se materializam linguisticamente em textos com propósitos particulares e em situações sociais particulares de interação dos falantes” (BIASI-RODRIGUES, 2008, p. 37).

Contudo, não se pode afirmar que, com a incorporação de um trabalho com base nos gêneros, como proposto nos parâmetros curriculares, as “velhas” práticas de estruturação e gramaticalização da língua foram erradicadas. Campos e Ribeiro (2013) afirmam que essas práticas foram repensadas e transmutadas, ao menos nos documentos oficiais de ensino. Em síntese, “a abordagem sugerida é a que privilegia a natureza social e interativa da linguagem, em contraposição ao enfoque de outros momentos em que predominava uma língua descomprometida com o uso social” (CAMPOS, RIBEIRO, 2013, p. 23). Com o tipo de abordagem proposto, se almeja, pois, oferecer possibilidades de o aluno poder agir linguisticamente e socialmente mediante os gêneros discursivos, que são compreendidos como objetos concretos e instrumentais para o uso da linguagem (COSTA, 2008).

De acordo com Barbosa (2000), a proposta apresentada no documento traz como implicação a necessidade de se trabalhar com uma pluralidade de gêneros escolares e também extraescolares. Além disso, o foco passa a ser nos usos sociais da linguagem,

contemplando os interlocutores, os lugares de circulação, os motivos pelos quais se produz um enunciado, dentre outros aspectos contextuais que perpassam a constituição de uma determinada atividade comunicativa. Nesse sentido, há a defesa de que a diversidade textual possa ocupar a cena da sala de aula de língua portuguesa, entendendo-se que “não existe um tipo de texto prototípico que possa ‘ensinar’ a compreender e a produzir textos pertencentes a todos os tipos existentes” (BARBOSA, 2000, p. 152).

Sabendo-se que os PCNs foram centrais na oficialização e divulgação do conceito de gêneros do discurso, é preciso ter em conta que eles não foram o único documento público curricular a regimentar e/ou orientar o ensino de gêneros na grade de currículos nacionais para com o ensino de língua portuguesa. Como é sabido, a BNCC, a partir de 2018, é o novo documento curricular que rege/orienta a formação de currículos a nível nacional, sendo seu objetivo o alinhamento desses currículos para a equalização da educação básica brasileira, independentemente da localidade dos institutos escolares, isto é, tanto de âmbito federal como estadual ou municipal (LARA; MENDONÇA, 2020). De modo particular, na área de linguagens, vislumbra-se que o documento demonstre grande preocupação pela inclusão dos textos multissemióticos/multimodais produzidos atualmente pelas práticas de linguagem contemporâneas, as quais são consoantes às “novas formas de ser, de se comportar, de discursar, de se relacionar, de se informar, de aprender” (ROJO; BARBOSA, 2015, p. 116), evidenciando, acima de tudo, novas formas de produzir sentidos e linguagens através das novas tecnologias.

Nesse contexto, segundo Rojo (2013), esses textos contemporâneos denotam novos desafios (mas não impedimentos) para a teoria dos gêneros discursivos do Círculo de Bakhtin, ao reconhecer que a ampliação crescente dos meios de acesso às Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDICs) tem alterado as formas de produção, configuração e circulação de textos. Apesar disso, é fundamental que a escola contemple as novas práticas, gêneros e os multiletramentos que circulam nos ditos ambientes da cultura digital de massa desse mundo hipermoderno atual (ROJO; BARBOSA, 2015). Com isso, as demandas sociais atuais de linguagem exigem novas ações e reflexões, a começar pela inclusão nos currículos locais/municipais e escolares, de modo que a escola possa integrar os alunos às novas práticas da web, as quais promovam significativas experiências de atividades de linguagem (ROJO; BARBOSA, 2015). Logo, é através do uso de enunciados concretos, nas múltiplas práticas

sociais, propiciadas pelo contato com as manifestações genéricas, que o aluno pode ter a oportunidade de refletir sobre o funcionamento das linguagens nas diversas esferas da atividade humana de que participa.

3. Metodologia

Considerando o nosso objetivo de examinar o diálogo que pesquisadores brasileiros que discutem sobre o ensino de língua portuguesa estabelecem com a abordagem de gêneros bakhtiniana, esta investigação se caracteriza como uma pesquisa de base interpretativa, conforme a compreensão de Amorim (2016), para quem o exercício investigativo do pesquisador que trabalha com o objeto texto/discurso é convocado por uma dimensão interpretativa.

O estudo caracteriza-se, também, na abordagem qualitativa, entendendo como Laville e Dionne (1999), que uma investigação de base qualitativa não está interessada na medida exata dos fenômenos humanos, na sua quantificação. Seguindo essa compreensão, o presente estudo reflete o exercício de compreensão construído pelos sujeitos pesquisadores no seu encontro dialógico com o seu outro (AMORIM, 2004).

Pode ser caracterizada, ainda, do ponto de vista da fonte dos dados, como uma pesquisa bibliográfica, de acordo com a concepção de Gil (2010), considerando que a fonte de material coletado foi obtida em uma biblioteca digital que disponibiliza publicações de revistas científicas, a saber: o Portal de Periódicos da Capes.

Quanto ao *corpus*, este se constitui de 10 (dez)^{vi} artigos científicos coletados no referido Portal de Periódicos. Os 10 artigos selecionados foram produzidos no período compreendido de 1999 a 2009. Os critérios de constituição do *corpus* estabelecidos foram: a) produções no formato de artigo científico; b) artigos científicos em língua portuguesa; c) artigos científicos nos quais os autores declararam, textualmente, assumir a abordagem bakhtiniana; e d) artigos científicos publicados entre 1999 a 2009 (considerando a influência dos Parâmetros Curriculares Nacionais nas produções científicas publicadas posteriormente).

Os procedimentos envolvidos na coleta e análise dos dados da pesquisa foram: 1) pesquisa e coleta dos 10 artigos científicos na plataforma de periódicos Capes, fazendo o uso de descritores de busca “gêneros do discurso e ensino”, “a abordagem bakhtiniana de gêneros do discurso”, “gêneros do discurso”, “gêneros discursivos” e “gêneros textuais”; 2) seleção das produções científicas que compuseram o *corpus* da pesquisa; 3) codificação^{vii} dos artigos, tanto para quantificação quanto para preservar a autoria dos artigos; 4) leitura e

releitura atenta das produções científicas selecionadas; 5) seleção de fragmentos/excertos dos textos para ilustrar o trabalho de análise; 6) realização de análise qualitativa do *corpus*, focalizando a descrição e a interpretação do material selecionado.

4. Análise e discussão dos resultados

Objetivando examinar a apropriação da definição e caracterização de gêneros do discurso em produções científicas sobre o ensino de língua portuguesa, procurando observar a articulação ou não delas com a abordagem de gêneros do discurso bakhtiniana que elas declaram assumir, propusemos um trabalho analítico que consistiu em observar, nas produções científicas recortadas, se e como elas dialogavam com alguns aspectos que delineiam a concepção de gêneros na perspectiva bakhtiniana.

Considerando que uma compreensão da abordagem de gêneros do discurso no Círculo de Bakhtin prescinde de um enfoque que contemple determinadas posições e proposições assumidas em textos do Círculo, consideramos, no nosso cotejamento das produções científicas recortadas, se elas explicitavam e como expressavam uma compreensão responsiva sobre aspectos teóricos/conceituais que assumimos como fulcrais para o entendimento da abordagem bakhtiniana de gêneros, quais sejam: 1) noção de enunciado; 2) elementos constitutivos do gênero (estilo, conteúdo temático e construção composicional); 3) a distinção entre gêneros primários e secundários; 4) a natureza estável/instável dos gêneros; 5) o caráter sócio histórico dos gêneros; 6) a concepção dialógica da linguagem.

Esclarecidos esses direcionamentos do trabalho analítico aqui proposto, passemos, então, aos resultados encontrados e a interpretação deles. Para uma melhor organização e sistematização do trabalho de análise empreendido, apresentamos os resultados encontrados e ilustramos os achados em um quadro. Na primeira coluna, trazemos as categorias; na segunda, consta o quantitativo de cada categoria elaborada em relação ao conjunto de textos que compõem o *corpus*^{viii}, e, por fim, na terceira coluna, apresentamos excertos que ilustram os achados, os quais são retomados e examinados, em seguida, numa leitura interpretativa do *corpus*.

Quadro 1. Sistematização de resultados do estudo

CATEGORIAS	QUANTIDADE	EXCERTOS DO CORPUS
i) noção de enunciado	09/10	<p>O autor desenvolve esse conceito [gêneros do discurso] quando apresenta a noção de enunciado. Para ele, a verdadeira essência da linguagem é o evento da interação verbal e esta se realiza em um enunciado ou em vários. Este é concebido como unidade de comunicação e totalidade semântica, ou seja, cada enunciado é um elo na cadeia de comunicação discursiva [...] Bakhtin destaca, ainda, que os enunciados não têm vida isolados (Al02, p. 131, grifos nossos).</p> <p>Em sua obra <i>Estética da criação verbal</i> (2003), após analisar os elementos do enunciado, Bakhtin destaca uma importante peculiaridade do enunciado, considerada por ele como o mais importante elemento: a intenção discursiva do falante se realiza fundamentalmente na escolha de um certo gênero de discurso (Al02, p. 131).</p> <p>Nesse sentido, para o Círculo (Bakhtin, 2002), o texto é concebido como enunciado, pois é um elo irrepetível e inalienável da cadeia da comunicação discursiva. A inter-relação entre o projeto discursivo do sujeito e as condições do gênero do discurso dá sentido ao texto-enunciado. Todo enunciado é produzido dentro de um determinado gênero do discurso, entendendo-se gêneros como modos sociais de discursos que se constituem no espaço das atividades humanas (Al06, p. 172, grifos nossos).</p>
ii) elementos constitutivos do gênero (estilo, conteúdo temático e construção composicional)	04/10	<p>Bakhtin postula também que, para haver comunicação verbal, tem que haver gêneros discursivos, além da elaboração sintática e estilística. O falante dispõe, além das formas da língua (recursos linguísticos) das formas dos enunciados (construção composicional baseado em um gênero) na comunicação discursiva do conteúdo cujos sentidos determinam as escolhas que o sujeito concretiza (Al07, p. 36, grifos nossos).</p> <p>Os gêneros discursivos, segundo Bakhtin (2000, p. 280), são compostos por <i>unidade temática, estilo, construção composicional</i> e funcionalidade, estando todos esses elementos intrinsecamente relacionados e determinados por enunciados passados e futuros. A unidade temática corresponde ao assunto abordado na materialidade linguística; o estilo pode ser linguístico ou individual, estando o primeiro relacionado às escolhas linguísticas identificadores do gênero, enquanto o segundo corresponde aos usos linguísticos identificadores do produtor. Diferentemente do estilo, atrelado ao nível microtextual do gênero, a construção composicional define a organização da macro estrutura textual do gênero, organização de parágrafos e partes. A funcionalidade designa a utilidade ou objetivo proporcionado pela escolha do gênero discursivo (Al09, p. 225, grifos em itálico do autor e em negrito nossos).</p>
iii) a distinção entre gêneros primários e secundários	02/10	<p>Os gêneros primários se referem ao cotidiano imediato, à situação imediata em que são produzidos e onde a atividade humana se realiza. Textos desse tipo vão ser compreendidos em relação com o contexto e, nesse processo, o locutor tem um autocontrole do enunciado, podendo fazer as escolhas de acordo com sua função. [...] Os gêneros secundários (literários, científicos, jornalísticos), que absorvem e transformam os gêneros primários, são geralmente produzidos de forma escrita, por sua vez, distanciam-se da situação imediata e cotidiana de produção e se referem a uma esfera de dimensão cultural mais complexa e mais evoluída (Al07, p. 36, grifos nossos).</p>

A apropriação da noção de gêneros do discurso bakhtiniana em produções científicas nacionais sobre ensino de língua materna

		<p>Os gêneros primários são utilizados na comunicação cotidiana. Além disso, possuem uma relação imediata com o contexto existente e com a realidade dos enunciados alheios. São aparentados com a oralidade e tendem a ser mais interativos, embora incluam muitos gêneros da escrita informal, de circulação privada. Já os gêneros secundários, segundo os pressupostos bakhtinianos, “surgem nas condições de um convívio cultural mais complexo e relativamente muito desenvolvido e organizado (predominantemente o escrito)” (2003, p.263), tais como romances, ensaios filosóficos, gêneros jornalísticos, dramas, pesquisas científicas, etc. No seu processo de formação os gêneros secundários incorporam e até reelaboram os gêneros primários (simples), passando estes a integrar aqueles. (Al02, p.132, grifos nossos)</p>
<p>iv) a natureza estável/instável dos gêneros</p>	<p>07/10</p>	<p>Bakhtin (2003) sustenta que “cada campo de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados, os quais denominamos gêneros do discurso” (p.262) (grifos do autor). Assim, em cada campo do conhecimento existem e são empregados gêneros discursivos que correspondem às condições específicas desse campo. O autor salienta que a heterogeneidade dos gêneros do discurso inclui desde um relato do dia-a-dia até um documento oficial, como é o caso das propostas curriculares. “A riqueza e a diversidade dos gêneros são infinitas porque são inesgotáveis as possibilidades da multiforme atividade humana” (Al02, p. 131).</p> <p>[...] Haverá, então, formas menos rigorosas de gêneros (como os familiares), formas íntimas e formas mais rígidas como os textos oficiais, entre outros, que requerem uma determinada entonação expressiva. Quanto mais formais forem os gêneros, mais alto será o grau de coação e estabilidade (Al02, p. 132, grifos nossos).</p> <p>A flexibilidade não se manifesta do mesmo modo em todos os gêneros, ou seja, há gêneros que são mais propícios às manifestações individuais, ao passo que há outros gêneros que são mais padronizados, em que a individualidade está menos presente. Vejamos que é uma questão de relatividade e não para ser entendida em termos absolutos (Al08, p. 317)</p> <p>O ensino dos gêneros pode incluir tanto o aspecto normativo do gênero como as possibilidades de transgressão, ou seja, aprender um gênero pode ser já aprendê-lo em sua diversidade e não supondo-o homogêneo (Al08, p. 325)</p>
<p>v) o caráter sociohistórico do gênero</p>	<p>08/10</p>	<p>A noção de gênero discursivo proposto por Bakhtin (1953) é um instrumento de construção do letramento escolar que permite agir eficazmente em situações sociais de comunicação. Segundo Bakhtin (1953, p. 279), cada grupo social em sua época possui um conjunto de formas de discurso (gêneros do enunciado) que reflete a realidade ou o cotidiano em transformação. (Al07, p. 35, grifos nossos)</p> <p>A apropriação de diferentes gêneros discursivos como habilidade de uso da língua falada e escrita pelo homem, em situações diversas de comunicação, está subjacente à proposta curricular para o letramento, o que é bastante coerente, haja vista que os gêneros são modelos de contextos culturais orientadores da ação do homem no espaço social (Al09, p. 225)</p>

vi) a concepção dialógica da linguagem	04/10	<p>O dialogismo é a noção de base de todas as categorias de Bakhtin e de seu círculo desde os anos 20. Ele é a condição do sentido que se produz por meio da compreensão responsiva dos interlocutores, isto é, não há sentido fora da intersubjetividade e das relações dialógicas. As relações dialógicas, objeto da translingüística, se manifestam entre os enunciados e no seu interior. Em resumo, todos os aspectos constitutivos do enunciado são de natureza dialógica. (Al01, p. 384)</p> <p>O termo resposta, anteriormente mencionado, é utilizado em sentido dialógico, uma “atitude” enunciativa do sujeito em que se manifestam outros sujeitos, outros discursos (Al05, p. 12)</p> <p>Authier-Revuz (1990) apresenta duas formas de heterogeneidade a constitutiva e a mostrada. A primeira diz respeito à relação dialógica inerente à linguagem e pode ser definida pelos atos intersubjetivos e interdiscursivos. Nesse sentido, o discurso já traz em sua concepção a imprescindível presença do outro para Bakhtin (2000, p.35-36), é impossível pensar no homem fora das relações sociais; afirma, em síntese, que a “vida é dialógica por natureza”. (Al05, p. 13, grifos nossos)</p>
--	-------	--

Fonte: Elaboração própria dos autores.

Uma primeira leitura do quadro inclina-nos a considerar um olhar para o viés quantitativo das ocorrências, por entendermos que esse viés é pertinente para os nossos propósitos de examinar o quanto os pesquisadores explicitam diálogo com abordagem de gêneros bakhtiniana. As ocorrências, ainda que não pretendam indicar uma generalização, constituem indícios sobre um direcionamento do diálogo que os pesquisadores estabelecem com a referida abordagem.

É possível perceber, pelo registro das ocorrências acima, que todos os pesquisadores procuram reportar parte expressiva dos aspectos teórico-conceituais por nós apontados como sinalizadores de uma interlocução produtiva com a abordagem bakhtiniana de gêneros. De acordo com o registro de ocorrências, identificamos que 3 dos 6 aspectos se sobressaem nos trabalhos dos pesquisadores. Observa-se, assim, que, ao assumirem as reflexões bakhtinianas em torno da discussão sobre gêneros do discurso, os pesquisadores consideram como muito fundamental abordar a noção de enunciado e enfatizar a compreensão do caráter sócio-histórico dos gêneros e ainda a natureza estável/instável dos gêneros.

O enfoque na distinção dos gêneros do discurso em primários e secundários e na caracterização dos gêneros quanto aos 3 elementos constitutivos (construção composicional, estilo e conteúdo temático), assim como a remissão à concepção dialógica de linguagem bakhtiniana, acaba não tendo, por outro lado, a mesma atenção dos pesquisadores, apesar da relevância que se tem, como sabemos, desses elementos dentro da abordagem proposta pelo Círculo.

Basta ponderarmos sobre o quão operacional é, na própria base de formulação e de sustentação da abordagem bakhtiniana de gêneros, pensar e estudar as formas de interação humana considerando os 3 elementos que Bakhtin propõe como constitutivos dos gêneros, bem como a própria distinção que esse estudioso estabelece entre os gêneros primários e secundários. Embora seja claramente explicitado em apenas 4 dos 10 trabalhos, situar a reflexão bakhtiniana de gêneros do discurso no contexto da concepção dialógica de linguagem não deixa de ser, também, um empreendimento fundante para um estudioso que assume tal perspectiva teórica como ancoragem de investigação.

Considerado esse direcionamento analítico centrado no aspecto das ocorrências, passemos, agora, para uma exploração dos excertos que são trazidos para análise de cunho qualitativo.

Começando pela noção de enunciado, um dado bem significativo que merece ser sublinhado aqui é sua retomada em quase todos os artigos analisados. Isso parece indicar a potência dessa noção para os estudos da área, o que pode estar associado à assunção da compreensão de que o enunciado constitui a unidade de análise de investigações que se inscrevem no campo dos estudos bakhtinianos, ainda que as pesquisas recortadas para nosso estudo não se apresentem necessariamente como proposta de uma análise discursiva de base dialógica.

O que se vê, nos dois excertos que ilustramos, é a preocupação dos pesquisadores de expressarem uma leitura de como o enunciado é concebido na abordagem de Bakhtin. No caso de A101, observa-se que a noção de enunciado é relacionada com os “conceitos-chave” *gêneros do discurso* e *interação verbal*, bem como às ideias de *totalidade semântica* e de *intenção discursiva*. Já em A102, a ênfase valorativa é posta, inicialmente, na demarcação de como, na perspectiva bakhtiniana, o texto é compreendido, ou seja, *texto como enunciado*; e, em seguida, na compreensão de gêneros como *modos sociais de discurso* que se vinculam às atividades humanas. Como podemos perceber, a apropriação da noção de enunciado por esses pesquisadores evoca nuances importantes da reflexão bakhtiniana sobre gêneros do discurso, mostrando-se, portanto, bem articulada a ideias centrais formuladas pelo pensador russo.

Não somente o fato de ser reportado em apenas 4 das produções científicas recortadas neste nosso estudo, a compreensão sobre gêneros do discurso em relação aos

seus elementos constitutivos (estilo, conteúdo temático e construção composicional), parece ser aquele aspecto, pelos menos nos dois recortes apresentados no quadro, que sinaliza uma apropriação um pouco dissonante daquilo que propõem as formulações bakhtinianas. Tanto A107 quanto A109 sinalizam algum nível de distorção daquilo que vemos nos textos de Bakhtin.

A107 menciona, inicialmente, que, *para haver comunicação verbal, tem que haver gêneros discursivos, além da elaboração sintática e estilística*, afirmação que não encontra ressonância no que o autor russo formula, afinal, na abordagem de Bakhtin, a própria elaboração sintática e estilística é intrínseca ao gênero, estando associada ao estilo. Pode-se, ainda, ver como problemática a ideia de conceber *formas da língua* e *formas de enunciado* como dissociadas, restritas à construção composicional, sem explicitar claramente que, na abordagem bakhtiniana: i) as formas da língua são constitutivas do enunciado; e ii) a construção composicional é apenas um dos elementos que compõem o todo do enunciado.

Já A109, por sua vez, além de pontuar a unidade temática, o estilo e a construção composicional, suscita um quarto elemento constitutivo do gênero, qual seja, a *funcionalidade*, dissociando-se, de modo parcial, da proposição da abordagem bakhtiniana. Outra dissonância em relação à abordagem bakhtiniana, que podemos identificar em A109, diz respeito à ideia de unidade temática reduzida a “assunto”, entendimento que não se sustenta conforme já sinalizara Sobral (2009). Além disso, pode-se dizer que as expressões *estilo linguístico* como correspondente de *estilo de gênero* e a referência à *nível microtextual* e *macro estrutura* não encontram ressonância nas reflexões bakhtinianas, já que os lexemas utilizados podem aportar significados restritos à materialidade textual, enquanto que os conceitos bakhtinianos aportam sentidos com um viés discursivo (ROJO, 2005).

No que concerne ao foco em torno da discussão sobre a distinção que Bakhtin estabelece entre gêneros primários e secundários, constatamos que somente os artigos A102 e A107 dão conta de se reportarem a esse aspecto. Isso indica que, para os interesses de investigação propostos pelos pesquisadores, a discussão sobre esse aspecto não parece ser uma questão tão relevante, ainda que, na reflexão bakhtiniana, considerar a especificidade dos gêneros discursivos de acordo com essa distinção constitua uma importante contribuição de Bakhtin para uma compreensão do funcionamento das formas de interação humana. A propósito de A107, cujo excerto consta no quadro, chamou-nos atenção a afirmação de que *os gêneros primários são produzidos onde a atividade humana se realiza*, como se, na reflexão

bakhtiniana, tanto os gêneros primários como os secundários não fossem vinculados a uma esfera da atividade humana.

Além disso, nos chama atenção, em A107, a posição segundo a qual, nos gêneros primários, *o locutor tem um autocontrole do enunciado*, o que vai de encontro à compreensão de sujeito dialógico bakhtiniano. Como sabemos, na reflexão bakhtiniana, o sujeito se constitui na relação com outros sujeitos, outros dizeres, outros enunciados, não sendo, portanto, um sujeito autossuficiente, detentor absoluto de controle sobre seus dizeres. Já o A102, por sua vez, expressa uma leitura que se mostra em consonância com a compreensão bakhtiniana, explicitando, com precisão e coerência, a distinção estabelecida pelo estudioso russo.

No que diz respeito ao aspecto da natureza estável/instável dos gêneros, pudemos observar, como deixa ver os excertos de A102 e A108 trazidos no quadro, está coerentemente relacionado aos pressupostos das obras do Círculo, uma vez que os autores destacam as formas de enunciados como sendo ora mais livres e criativas, ora mais estáveis e padronizadas na produção do dizer, a depender do gênero do discurso, da individualidade do produtor, bem como da suscetibilidade dos gêneros às mudanças sociais e aos movimentos da língua.

O enfoque sobre a natureza social e histórica do gênero, que é um dos aspectos mais recorrentes no conjunto de artigos do *corpus*, aparece explicitado na compreensão expressa pelos pesquisadores de que os gêneros do discurso são produções humanas inscritas social e historicamente. Os excertos de A107 e A109 presentes no quadro exemplificam muito bem esse direcionamento. Ainda que em A107 o pesquisador se utilize de um discurso reportado (citando palavras de Volochínov e não de Bakhtin), podemos identificar a ênfase no caráter social e histórico do gênero, quando, retomando a compreensão de signo ideológico do Círculo, acentua a ideia de *realidade ou de cotidiano em transformação*. Já em A109, a relação com o caráter social e histórico do gênero pode ser recuperada, em alguma medida, pela ideia de contextos culturais atrelada aos gêneros e às práticas sociais.

Por fim, quanto ao aspecto da concepção dialógica da linguagem, constatamos que ela comparece nos textos analisados, porém não necessariamente com uma preocupação de situar a discussão sobre gênero do discurso no seio da concepção dialógica da linguagem bakhtiniana. A linguagem em sua dimensão dialógica é recuperada muito mais no esforço dos pesquisadores de demarcar a compreensão de dialogismo e de relações dialógicas no

enunciado, como se evidencia em A101, bem como de responsividade e de heterogeneidade constitutiva, que podemos constatar em A105. Como sinaliza A105, nem sempre não há uma clara vinculação com a concepção dialógica da linguagem, o que pode resultar dos direcionamentos teóricos e metodológicos assumidos pelos pesquisadores em seus trabalhos, uma vez que são estudos que dialogam também, na maioria das vezes, com outras abordagens teóricas de gêneros, e não exclusivamente com a perspectiva bakhtiniana.

Em síntese, podemos dizer que o enfoque dado aos aspectos de noção a enunciado, à natureza estável/instável dos gêneros, ao caráter sócio histórico dos enunciados e à concepção dialógica da linguagem são aqueles que estabeleceram um diálogo mais condizente com as concepções e os postulados bakhtinianos, tanto porque foram os mais recorrentes como porque foram os que demonstraram mais solidez teórica em sua apropriação na maioria dos artigos investigados.

5. Considerações Finais

No presente trabalho tivemos como objetivo analisar a apropriação da definição e caracterização de gêneros do discurso em produções científicas sobre o ensino de língua portuguesa, procurando observar a articulação ou não delas com a abordagem de gêneros do discurso bakhtiniana que elas declaram assumir.

Os resultados sinalizam que, na definição e na caracterização dos gêneros do discurso, os pesquisadores tendem, na maioria das vezes, a manter um diálogo condizente e coerente com os fundamentos da abordagem proposta pelo Círculo, ainda que se possa constatar, também, algumas compreensões dissonantes e inconsistentes de aspectos teóricos/conceituais relevantes relacionados a tal abordagem. Isso, contudo, não nos parece ser, necessariamente, um problema, afinal, nem sempre se esgotam todas as possibilidades de compreensão de uma determinada abordagem.

Isso posto, concluímos que, nas produções científicas examinadas, predomina uma apropriação produtiva e adequada da abordagem bakhtiniana de gêneros do discurso, indicando um movimento de interlocução pertinente do ponto de vista da penetração e da consolidação da referida abordagem nas pesquisas da área. Os resultados nos permitem, também, sublinhar a vitalidade dessa abordagem no contexto das pesquisas sobre gêneros e ensino no Brasil, bem como o lugar e a relevância dela na discussão e reflexão sobre o ensino de língua portuguesa.

Referências

- AMORIM, M. As ciências humanas e sua especificidade discursiva. In: RODRIGUES, R. H.; PEREIRA, R. A. (org.). **Estudos dialógicos da linguagem e pesquisas em Linguística Aplicada**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2016. p. 17-45.
- AMORIM, M. **O pesquisador e seu outro**: Bakhtin nas ciências humanas. São Paulo: Musa editora, 2004.
- BAKHTIN, M **Os gêneros do discurso**. Organização, tradução, posfácio e notas de Paulo Bezerra, notas da edição russa de Serguei Botcharov. São Paulo: Editora 34, 2016, p. 23-107.
- BARBOSA, J. P. Do professor suposto pelos PCNs ao professor real de língua portuguesa: são os PCNs praticáveis?. In: ROJO, R. (org.). **A prática de linguagem na sala de aula**: praticando os PCN's. Campinas: Mercado das Letras, 2000. p. 149-182.
- BAWARSHI, A.; REIFF, M. J. **Gênero**: história, teoria, pesquisa, ensino. Tradução Benedito Gomes Bezerra [et al.]. São Paulo: Parábola, 2013, p. 213-227.
- BEZERRA, B. G. **Gêneros no contexto brasileiro**: questões (meta)teóricas e conceituais. São Paulo: Parábola Editorial, 2017.
- BEZERRA, B. G.; PEREIRA, S. V. M.; LÊDO, A. C. de O. Teorias de Gêneros e suas apropriações na pesquisa brasileira: uma “precária síntese”? **Raído**, Dourados, MS, v. 11, n. 25, jan./jun. 2017.
- BEZERRA, M. A. Ensino de Língua Portuguesa e Contextos Teórico-metodológicos. In: DIONISIO, A. P.; MACHADO, A. R.; BEZERRA, M. A. (org.). **Gêneros textuais e ensino**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010. p. 39-46.
- BIASI-RODRIGUES, B. A abordagem dos gêneros textuais no ensino da Língua Portuguesa. In: PONTES, A. L.; COSTA, M. A. R. (org.). **Ensino de língua materna na perspectiva do discurso**: uma contribuição para o professor. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2008, p. 31-50.
- COSTA-HÜBES, T.; BROCARD, R. O. O gênero carta do leitor em diferentes suportes e mídias: uma reflexão a partir dos princípios da análise dialógica do discurso. In: RODRIGUES, Rosângela Hammes; PEREIRA, Rodrigo Acosta (org.). **Estudos dialógicos da linguagem e pesquisas em linguística aplicada**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2016. p. 243-278.
- CAMPOS, C. M.; RIBEIRO, J. Gêneros. In: COSTA, I. B.; FOLTRAN, M. J. (org.). **A tessitura da escrita**. São Paulo: Contexto, 2013. p. 23-44.
- CAMPOS, M. I. B. Bakhtin e o ensino de língua materna no Brasil: algumas perspectivas. **Conexão Letras**, 2016, v. 11, n. 16, p. 123-137.
- CASSETTARI, M. I. Tipo, gênero textual e gênero do discurso: em busca de uma definição para o ensino. **Diálogo das Letras**, Pau dos Ferros, v. 01, n. 02, p. 132 - 151, jul./dez. 2012.

COSTA, M. H. A. Abordagem pedagógica de gêneros para a competência discursiva: caracterização ou uso? In: PONTES, A. L.; COSTA, M. A. R. (org.). **Ensino de língua materna na perspectiva do discurso**: uma contribuição para o professor. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2008. p. 51-72.

FARACO, C. A. **Linguagem & diálogo**: as ideias do Círculo de Bakhtin. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

GERALDI, J. W. (org.). **O texto na sala de aula**. 3. ed. Ática: São Paulo, 2002.

GERALDI, J. W. **A aula como acontecimento**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2015.

GERALDI, J. W. Passando em revista ideias sobre o ensino de língua portuguesa: uma entrevista com João Wanderley Geraldi. Entrevista realizada por Livia Suassuna e Rosângela Alves dos Santos Bernardino. **Diálogo das Letras**, v. 06, n. 01, p. 490-496, jan./jun. 2017.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

GOMES-SANTOS; S. N. **A questão do gênero no Brasil**: teorização acadêmico-científica e normatização oficial. Tese de doutorado. Doutorado em Linguística no Instituto de Linguagem da Universidade Estadual de Campinas (IEL), 2004.

GRILLO, S. V. de C. Esfera e campo. In: BRAIT, B. (org.) **Bakhtin**: outros conceitos-chave. São Paulo: Contexto, 2006, p. 133-160.

LAVILLE, C.; DIONNE, J. **A construção do saber**: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas. Tradução de Heloísa Monteiro e Francisco Settineri. Portalegre: Artes Médicas, Sul Ltda.; Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999.

LARA, M. T. de A.; MENDONÇA, M. C. O meme em material didático: considerações sobre ensino/aprendizagem de gêneros do discurso. **Bakhtiniana**, São Paulo, v. 15, n. 2, p. 185-209, abril/jun. 2020.

LIRA, A. F. Considerações sobre análise de gêneros do discurso a partir de seu cronotopo. In: RODRIGUES, R. H.; PEREIRA, R. A. (org.). **Estudos dialógicos da linguagem e pesquisas em linguística aplicada**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2016. p. 191-209.

MEDVIÉDEV, P. N. **O método formal nos estudos literários**: introdução crítica a uma poética sociológica. Tradução de Ekaterina Vólkova Américo e Sheila Camargo Grillo. São Paulo: Contexto, 2012.

RODRIGUES, R. H. Análise de gêneros do discurso na teoria bakhtiniana: algumas questões teóricas e metodológica. **Linguagem em (Dis)curso**, v. 4, n. 2, p. 415-440, jan./jun. 2004.

RODRIGUES, R. H. Os gêneros do discurso na perspectiva dialógica da linguagem: a abordagem de Bakhtin. In: MEURER, J. L.; BONINI, A.; MOTTA-ROTH, D. (org.). **Gêneros**: teorias, métodos, debates. São Paulo: Parábola Editorial, 2005. p. 152-183.

ROJO, R. Modos de transposição dos PCNs às práticas de sala de aula: progressão curricular e projetos. In: ROJO, R. (org.). **A prática de linguagem na sala de aula: praticando os PCN's**. Campinas: Mercado das Letras, 2000. p. 27-38.

ROJO, R. Gêneros do discurso e gêneros textuais: questões teóricas e aplicadas. In: MEURER, J. L.; BONINI, A.; MOTTA-ROTH, D. (org.). **Gêneros: teorias, métodos, debates**. São Paulo: Parábola, 2005. p.184-207.

ROJO, R. Gêneros de discurso/texto como objeto de ensino de línguas: um retorno ao *trivium*? In: SIGNORINI, I.; BENTES, A. C. et al. (org.). **[Re]discutir texto, gênero e discurso**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008, p. 73-102.

ROJO, R. Gêneros discursivos do Círculo de Bakhtin e multiletramentos. In: ROJO, R (org.). **Escol@ Conectada: os multiletramentos e as TICs**. São Paulo: Parábola, 2013, p. 13-36.

ROJO, R.; BARBOSA, J. **Hipermodernidade, multiletramentos e gêneros discursivos**. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

SILVA, N. I. da; BEZERRA, B. G. O conceito de gênero em artigos científicos sobre ensino de língua materna: repercussões de quatro tradições de estudos. In: APARÍCIO, A. S. M.; SILVA, S. R. da (org.). **Gêneros textuais e Perspectivas de Ensino**. Campinas: Pontes Editores, 2014. p. 17-48.

SOBRAL, A. **Do dialogismo ao gênero: as bases do pensamento do Círculo de Bakhtin**. Campinas: Mercado das letras, 2009.

Notas

ⁱ Este artigo é uma versão ampliada, aprofundada e revisada de um texto resultante de pesquisa que foi apresentada no Salão de Iniciação Científica da UERN, na edição de 2017/2018.

ⁱⁱ Ressaltamos, com base em estudo de Campos (2016), a influência da teoria bakhtiniana, especialmente quanto à abordagem de gêneros, na construção de documentos oficiais de ensino para os professores de línguas no contexto nacional, mais particularmente dos principalmente os Parâmetros Curriculares Nacionais – PCNs.

ⁱⁱⁱ Esses termos não são tomados, necessariamente, como equivalentes, como bem sublinham trabalhos da área como os Rojo (2005), Cassetari (2012) e Bezerra (2017), dentre outros.

^{iv} No contexto das pesquisas em torno das abordagens de gêneros, outras perspectivas, como o grupo de Genebra e a escola sociorretórica, passam a ocupar a cena dos estudos de gêneros textuais/discursivos, no Brasil.

^v Para um aprofundamento da discussão sobre esferas da atividade humana na perspectiva bakhtiniana, recomendamos leitura do texto de Grilo (2006).

^{vi} O recorte de 10 artigos como *corpus* se justifica pelo fato de a pesquisa aqui reportada fazer parte de uma investigação maior com foco na apropriação e na incorporação da noção de gêneros do discurso bakhtiniana em trabalhos de pesquisadores nacionais, a qual considerou o recorte temporal das duas décadas posteriores à publicação dos PCNs do ensino fundamental do 3º e 4º ciclos. Nesse sentido, o estudo aqui reportado visou dar conta especificamente do exame da incorporação da noção

de gêneros bakhtiniana em trabalhos de pesquisadores nacionais centrado-se no contexto temporal dos 10 primeiros anos após a publicação do referido documento. Sublinhamos, além disso, que, embora muitas investigações sobre o ensino de língua portuguesa citem ou mencionem ideias do Círculo de Bakhtin, nosso foco esteve centrado nos trabalhos que, textualmente, declaravam assumir a abordagem de gêneros bakhtiniana.

^{vii} Como forma de evitar qualquer tipo de constrangimento, optamos por preservar a identidade dos autores dos artigos, utilizando-nos do procedimento de codificação dos 10 textos do *corpus*. A codificação corresponde às letras AI referentes à *Artigo Científico*, seguidas dos números 01, 02, etc., de modo a corresponder aos códigos AI01, AI02.

^{viii} Assim, onde consta 08/10, por exemplo, significa que em 8, dos 10 textos que compõem o *corpus*, foi identificada aquela categoria.

Sobre os autores

Jakelyne Santos Apolônio

Mestranda em Letras pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Campus Avançado de Pau dos Ferros. Graduada em Letras/Espanhol pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte Membro do Grupo de Estudos em Interação, Texto e Discurso do Alto Oeste Potiguar. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4164-3171>. E-mail: jakelyne.santos2011@gmail.com.

José Cezinaldo Rocha Bessa

Doutor em Linguística e Língua Portuguesa pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Campus de Araraquara (2016). Professor da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Campus Avançado de Pau dos Ferros. Líder do Grupo de Estudos em Interação, Texto e Discurso do Alto Oeste Potiguar e membro do Grupo de Pesquisa em Produção e Ensino do Texto e do Grupo Slovo. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4655-6832>. E-mail: cezinaldobessa@uern.br.

Recebido em: 23/09/2022

Aceito para publicação em: 18/03/2023